

AUDIO CINEMA EM CASA



**OS CAMPEÕES
DA ELECTRÓNICA
DE CONSUMO**



**ACAPELLA LA
CAMPANELLA**



Ainda nesta edição:

- REL HT 1508 Predator •
- LG 75NANO996NA
- Stromtank S 2500 •
- Tigelon TPL-2000A
- Philips 65OLED935 •
- Wharfedale Evo 4.3
- Denon Home 250 •
- Thorens TD 1600
- TCL 65C815 •

**B&W 705
SIGNATURE**

UM SOM CATIVANTE



B&W 705 SIGNATURE, UMA PONTE PARA A MÚSICA

Jorge Gonçalves

Quando alguém coloca uma assinatura num produto, isso é uma prova inalienável de confiança no seu trabalho e no modo como ele vai ser apreciado por outros. Têm sido raros os produtos Signature lançados pela B&W, tendo tudo começado com as Silver Signature, lançadas em 1991 para comemorar os 25 anos da marca, e que eram uma versão modificada e um pouco maior das Matrix 805. Muito recentemente, tal como anunciado na nossa última edição, o prestigiado fabricante inglês anunciou o lançamento de dois novos modelos «assinados», as 702 Signature e as 705 Signature, ambos versões melhoradas do ponto de vista estético e acústico das 702 S2 e das 705 S2. Já ouvi alguns boatos sobre estar iminente o lançamento de um terceiro modelo Signature, parece que as 706 Signature, mas, para já, não tive confirmação desse lançamento. Tive o prazer de receber em minha casa um dos primeiros exemplares das 705 Signature, bem fresquinhas, ainda a cheirar a novo, e é sobre elas que irei falar em seguida, embora do ponto de vista técnico os detalhes sejam ainda muito poucos.

Descrição técnica

Lançada em 2017, a elegante linha 700 da B&W tem desde já uma performance excepcional, graças ao cuidadoso recurso a tecnologias que viram pela primeira vez a luz do dia na gama 800 Diamond, tais

como o bloco sólido com *tweeter* no topo, os originais cones em Continuum e o perfil Aerofoil dos altifalantes de graves. Quando utilizadas em conjunto com tecnologias desenvolvidas sob medida para a linha 700, tais como o *tweeter* de cúpula de carbono e as sólidas caixas cuidadosamente optimizadas, o resultado é um conjunto de colunas que têm uma aparência tão soberba como o seu som.

As melhorias ao nível do *crossover* assentaram na utilização de condensadores especialmente tratados e melhorados, fabricados pela Mundorf, com melhorias evidentes em termos de resolução, limpeza e amplitude espacial. A dissipação de calor foi igualmente reforçada.

O *tweeter* tem uma cúpula de carbono de estrutura dupla, com 25 mm de diâmetro, e está inserido dentro de uma caixa externa de alumínio colocada no topo da coluna e com uma estrutura interna cuidadosamente desenhada para amortecer todas as vibrações e colocar a frequência de ruptura bem fora da gama de sinais audíveis (o valor especificado é de 47 kHz!). A parte externa da cúpula consiste numa camada de alumínio de 30 micrones de espessura, a qual foi reforçada através de uma outra camada de carbono aplicada por deposição física vaporizada. A segunda secção é um anel de carbono com 300 mí-

crones e espessura, o qual tem um perfil que se ajusta de maneira perfeita na cúpula principal. O altifalante de médios-graves tem um cone de 16,5 cm de diâmetro, fabricado a partir de Continuum, uma fibra tecida especial da qual a B&W conserva no segredo dos deuses a composição específica. O que se sabe é que tem uma flexibilidade otimizada e controlada, o que ajuda a evitar a transição abrupta do modo pistónico para o modo de quebra, transição esta que prejudica de modo drástico a neutralidade e abertura dos altifalantes convencionais.

A caixa tem um pórtico *bass-reflex* traseiro e o acabamento acompanha aquilo que já é tradição nos modelos Signature, com a introdução do ébano Datuk brilhante através de nove camadas de verniz, combinando assim a beleza dos folheados de madeira natural com os benefícios ambientais resultantes do recurso a materiais sustentáveis, neste caso provenientes do especialista italiano em madeiras Alpi. É tido o maior cuidado para garantir que as duas colunas de um mesmo par tenham exactamente o mesmo padrão dos veios da madeira. A categoria Signature é identificada por uma placa no seu painel traseiro que as identifica como uma peça de arte original. O resultado é uma factor de apreciação feminino extremamente elevado (espero que não me apelidem de machista ou «máchista», como agora se pronuncia, por utilizar esta conotação que no mínimo será apelidada de politicamente incorrecta mas, que diabo, que raio de democracia criámos nós no 25 de Abril se cada um de nós não pode exprimir aquilo que pensa e/ou aprendeu ao longo da sua vida, isto sem ofender ninguém, sem ser imediatamente chamado à atenção ou coisa pior?). E posso exarar já aqui que a minha cara-metade, que vive comigo há quase 45 anos, expressou os maiores encómios logo que olhou para as 705 Signature pela primeira vez, o que é um elogio de monta, pois ao longo destes anos todos já passaram por nossa casa umas boas centenas de pares de colunas.

A resposta em frequência estende-se dos 45 Hz aos 33 kHz / -6 dB, ou dos 50 Hz aos 28 kHz, ± 3 dB, para uma sensibilidade de 88 dB/W/m e uma distorção menor que 0,5% dos 150 Hz aos 20 kHz ou menor que 1% dos 100 Hz aos 22 kHz. A impedância nominal é de 8 Ohm, com um mínimo de 3,7 Ohm, o que implica a potência recomendada para o amplificador estar situada entre 30 W e 120 W.

Audições

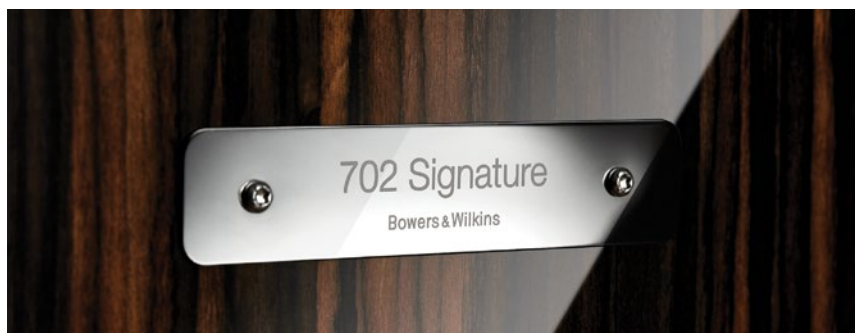
Sáidas bem frescas da caixa, as 705 Signature precisavam seguramente de umas dezenas de horas de rodagem, razão por

que as instalei sobre uns suportes Target bem sólidos com cerca de 60 cm de altura, e as liguei ao amplificador de potência Constellation Inspiration 1.0, sendo o resto do sistema composto pelo Roon Nucleus+ ligado ao conversor Pro-ject Pre Box RS2 Digital e este ao prévio Constellation Inspiration 1.0. Pontualmente utilizei ainda vinilo, através da combinação Basis Gold Debut / SME Gold V / Shelter Harmony, sendo o prévio de *phono* o que construí aqui há uns anos. A cablagem entre fonte digital e prévio e amplificador de potência e colunas pertencia à nova linha Carbon, da Kimber, em teste na mesma altura. O posicionamento não foi nada de complicado: ficaram colocadas mais ou menos na posição que a parte central das Quad

ELS63 ocupa na minha sala de audição, pelo que, para além de terem um amplo espaço de respiração para trás, ficaram bem afastadas das paredes laterais.

E fez-lhes bem a rodagem, com uma dieta variada de música retirada de uma lista que construí no Tidal especificamente para situações deste género e que passa pelo *jazz*, clássica, *rock*, vocal, instrumental puro e assim por diante, num total de 1100 faixas. Inicialmente, e como é natural, o som estava um pouco perro nos médios e graves e com pouca fluidez nos agudos. Tudo isso mudou de maneira sensível após algo como 30 a 40 horas de «queima», deixando-me positivamente de boca aberta perante aquilo que umas monitoras tão pequenas conse-





Todas as colunas Signature ostentam uma placa traseira que as identificam como pertencendo a esta série especial. Esta foto mostra a placa presente nas Signature 702.

quem fazer. Ouvir, por exemplo, Oscar Peterson tocando *You Look Good to Me* foi uma experiência marcante: a entrada da faixa é romântica, muito bonita e melodiosa, com passagens suaves e sem serem notadas, seguidas de uma fase bem mais «swingada», com o ritmo a ser muito bem marcado pelas 705 Signature. A sensação predominante que se tem ao ouvir estas colunas é a de uma clareza extrema: cada som era limpo e preciso, os detalhes eram apresentados de um modo delicioso e a performance nos transientes notavelmente rápida, especialmente na gama média-alta e nos agudos. E foi quase incrível ver como é que umas colunas destas dimensões conseguiram criar um palco sonoro amplo, quer do ponto de vista da expansão lateral e vertical quer em termos de profundidade.

Vou agora citar um CD, ouvido através da combinação transporte / conversor da Pro-ject que me foi oferecido pelo meu filho como prenda de anos e que junta numa só peça física quatro monstros sagrados da música: Lee Konitz, Brad Mehldau, Charlie Haden e Paul Motian. Tive o grande prazer de ser apresentado a Lee Konitz em Las Vegas aqui há mais de uma dezena de anos e assistir à gravação ao vivo de várias peças musicais por ele interpretadas, e ouvi-las depois reproduzidas num sistema escolhido por Mark Levinson. Devo confessar que foi uma das grandes experiências da minha vida, não só por estar perante um intérprete do outro mundo mas porque Lee Konitz era (faleceu há cerca de seis meses, já com 92 anos e devido a complicações originadas pela Covid-19, mas tocou quase até ao seu último dia), era, dizia, uma pessoa de trato pessoal aberto e de uma simpatia extrema. Aliás, Lee Konitz tinha um carinho especial por Portugal e veio cá muitas vezes, tocando mesmo com a Orquestra de Jazz de Matosinhos. Ouvir as 705 Signature reproduzir uma melodia belíssima como *Lullaby of Birdland*, com uma introdução em que os quatro músicos começam por falar uns com os outros de um modo quase confessional para daí sair um magnífico solo de Lee Konitz, com apenas umas participações ocasionais de Brad Mehldau, foi algo que me deixou marcas emocionais bem fortes. E isto porque as 705 foram sublimes não só a reproduzir cada um dos instrumentos, incluindo o saxofone-alto de Lee Konitz que não é um instrumento fácil de soar verosímil, correndo mesmo o risco de soar demasiado agreste com colunas que não estejam à altura do acontecimento, ou seja, que não tenham a perfeição tímbrica e a rapidez de resposta a transientes que são fundamentais para apresentar este instrumento perante nós. E como foram bem reproduzidas as pal-

mas e o entusiasmo do público – trata-se de uma gravação ao vivo. A comunicabilidade do piano de Brad foi igualmente algo que apreciei de sobremaneira na faixa *Oleo*, tal a vivacidade e alegria com que o instrumento foi reproduzido.

Foi seguramente uma coincidência mas uma das boas o facto de eu ter na altura comigo os cabos Carbon para testar. As 705 Signature gostaram da dieta de «carbono» dos Kimber, não sei se com poucos ou muitos hidratos, e mostraram possuir um nível extremo de coerência, algo que estou habituado a encontrar de modo mais marcante em colunas de painel, como é caso das minhas Quad. A esse respeito destaco a audição de um LP com alguns trios de piano de Mozart reproduzidos pelo trio Mannheim, principalmente o Kegelstatt. As 705 Signature e a minha sala de audição formaram como que um corpo único, transmitindo-me um retrato auditivo quase perfeito do trio tocando ali na minha frente. Se baixasse as luzes tenho quase a certeza de que sentiria vontade de me levantar e passear entre os intérpretes e falar mesmo com o engenheiro que superintendia a gravação, que deveria estar mesmo ali ao lado. A viola estava do lado esquerdo, um pouco para a frente, o clarinete à direita, igualmente algo para a frente, e o piano mais central e ligeiramente recuado. O limite de 45... 50 Hz para os graves nunca foi para mim um óbice porque as minhas QUAD também não se expandem por aí além no extremo inferior. E, no extremo oposto, também não senti necessidade de colocar os tampões de espuma nos pórticos reflex para controlar algum excesso de graves ou ressonância excessiva, porque na minha sala as 705 Signature nunca deram sinais de que tal fosse necessário.

Falando agora do trio de Ray Brown em *Mistreated but Undefeated Blues*, do disco *Soular Energy*, tive uma vez mais uma reprodução em que quase parecia impossível de acreditar que a música vivia e pulsava como só acontece num evento ao vivo. O baixo de Ray oscilava como que movendo-se de parede para parede, saltando como se fosse vivo, mesmo nas notas mais baixas. Os pratos da bateria tinham uma presença quase eléctrica que enchia o ar em volta de carga, pronta para saltar qual relâmpago emanado por uma nuvem. O piano de Gene Harris, a guitarra de Emily Remler, os solos do saxofone de Red Holloway, tudo isso saltava, tudo isso tinha animação, tudo isso me rodeava de modo envolvente e me fazia sentir um vórtice de velocidade quase inebriante.

Parafraseando Agualusa nos seus contos *d'O Livro dos Camaleões*, em que ele diz que uma ponte liga e aproxima dois lados, posso dizer que as 705 definem al-

go como uma ponte entre o ouvinte e a música, aproximando-os um do outro e fazendo com que se compreendam e complementem de modo natural, ou seja, sem qualquer esforço suplementar, pois há um fluir natural e instantâneo da música e das emoções entre um e outro. Levadas para casa têm o grande «perigo» de se transformarem numas «cativas que nos têm cativo» como dizia do poeta. Mas quem não gostará de ser cativado, e ficar cativo, por umas preciosidades destas?

Conclusão

Quase todos os leitores da *Audio* sabem que eu aprecio de sobremaneira as colunas do tipo monitor e as 705 Signature não me desiludiram, muito pelo contrário. A assinatura nas 705 é um autógrafo que as transforma numas novas colunas, conferindo-lhes um carácter vivo e expansivo e uma capacidade de reprodução do palco espacial que causam espanto a quem as ouve. E quem as vê fica desde logo rendido pelo seu bellissimo acabamento. São um verdadeiro luxo, quer em termos da fenomenal performance sónica, quer a nível de acabamento. E, embora o luxo tenha que se pagar, até acho que o preço que a B&W pede por elas não é mesmo nada exagerado. E aposto que o mesmo irá acontecer com todos os que se sentem em frente delas para ouvir boa música.

Colunas B&W 705 Signature

Preço: 2998 €

Representante: B&W Group Spain

Telef.: 963 912 666

Web: bowers-wilkins.es

